

# **“BC quebra a sua palavra e tumultua open”**

**RIO**  
**AGÊNCIA ESTADO**

“O Banco Central quebrou sua palavra no mercado financeiro e isso é muito grave por se tratar do órgão regulador do mercado.” A advertência foi feita pelo ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central, Cláudio Haddad, ao comentar ontem a inesperada alteração das taxas do **open** para amanhã. Fixadas na manhã de sexta-feira em 5,5% ao mês (o que representaria 16,5% ao mês em um dia útil normal, devido ao fim de semana), as taxas de juros no mercado aberto subiram para 25,5%, conforme comunicado da mesa de operações do BC.

Em síntese — protestavam ontem dirigentes do mercado financeiro —, o Banco Central quebrou a regra básica do mercado — honrar a palavra assumida — onde trilhões de cruzeiros são negociados diariamente por telefone. E mais: depois da elevação para 25,5% ao mês, o Banco Central comunicou que a partir de amanhã as taxas de juros do **open** estarão liberadas.

Para o seu ex-diretor, a decisão do BC “não só desorienta o mercado, como abre um precedente gravíssimo”. Ele lembrou que “o mercado do **open** funciona de boca, não há nada por escrito, e opera por telefone o dia inteiro; e só no final do dia é que se fecha tudo”.

“A palavra do operador é fundamental nesse mercado aberto, e quem não tem palavra fica alijado do mercado; e o banco quebrou a sua, e isso nunca aconteceu”, disse Cláudio Haddad, acrescentando que na sala de operações do BC há uma placa com o seguinte aviso: “Senhor operador, lembra-se de que a sua palavra é a palavra do Banco Central”.

Segundo Haddad, a primeira consequência da quebra da palavra do Banco Central é que agora a segurança do mercado financeiro ficará duvidosa, sem o grau de confiabilidade que existia anteriormente, “porque a quebra da palavra não aconteceu nos últimos 19 anos”. “Isso — prosseguiu — abre um precedente terrível, porque agora, se alguém vender um papel de manhã a um preço, e horas depois o preço daquele papel cair, a insegurança será notória.”

O mercado de capitais poderá assistir a novos “estouros” em consequência da decisão do governo de elevar o custo dos financiamentos. A previsão foi também feita ontem, por diversos diretores de corretoras de valores do Rio, que, temendo eventuais represálias das autoridades monetárias, preferiram permanecer no anonimato.

Um deles, por exemplo, dizia que quem conseguiu rolar suas posições a 5,5% ao mês “só dormirá tranquilo até amanhã”, já que com a taxa livre o custo mínimo subirá pelo menos para 19%.